

Música e Literatura

Para um contato prático com toda a poesia do passado que foi realmente cantada em sua própria época, sugiro que as universidades se juntem em grupos e contratem alguns cantores que compreendam o significado das palavras.

Ezra Pound

A lira, elemento indispensável nas récitas dos gregos clássicos, muito mais do que um instrumento musical, é um símbolo, melhor ainda, um signo que representa as artes poética e musical. Pode-se dizer que a lira é quase tão mítica quanto Orpheu, seu maior cultor, o qual, não por acaso, era poeta e músico, aliás, o primeiro na cultura do ocidente.

No n. 5 da *Intersemiose Revista Digital*, do Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/CNPq), tomamos a lira como insígnia da edição que apresenta o dossiê Literatura e Música, propondo uma reflexão em torno de artes que nascem do mesmo harpejo e que, juntas, compõem significativo acervo estético na literatura ocidental.

Música e Literatura são artes guiadas pelos signos do tempo, do metro e do ritmo. É possível que, mesmo antes das imagens que formam os grandes poemas, seja a música o elemento norteador do poeta, como, aliás, sintetiza Paul Verlaine, em sua *Art poétique* (1874): “*De la musique avant toute chose*”.

Esta simbiose na cultura ocidental inicia-se com os *aedos*, na Grécia clássica, que cantavam poemas épicos, acompanhados de instrumentos musicais, como o fórmnix ou a lira. Do mesmo modo, as primeiras manifestações literárias em língua portuguesa também se deram com os recitais. A poesia medieval trovadoresca, na Europa, fundamentalmente na Península Ibérica, era igualmente indissociável do canto, da oralidade.

Mais recentemente, uma geração de letristas da música popular brasileira, tendo como epônimos Chico Buarque de Hollanda e Caetano Veloso, foi responsável por

uma renovação em nossa literatura e alçou o suporte LP de vinil ao estatuto de objeto literário. Em outras latitudes, figuras como *Lou Reed*, *Bob Dylan*, Jim Morrison e Leonard Cohen também recebem tratamento de poetas fortes.

Pertencente a uma plêiade de poetas e músicos, o crítico Ezra Pound foi radical ao afirmar que, para uma verdadeira fruição poética, é mister uma sensibilização musical. A poesia, como no passado, necessita de ser cantada, recitada. Pound enfatiza a necessidade do exercício da audição para uma melhor compreensão filológica.

Mas não é só com a poesia que a arte literária estabelece relações com a música. A prosa, notadamente a romanesca, também entretece relações intersemióticas com a arte de Apolo. Para exemplificarmos apenas com a literatura nacional, pensemos na emblemática obra em três volumes *Música Popular no Romance Brasileiro*, de José Ramos Tinhorão, em que o pesquisador mostra que a música popular assume protagonismo dentro da ficção nacional de vários períodos. A música popular, que sem dúvida é um fenômeno sociocultural, pôde, como poucas manifestações estéticas, ser representativa da sociedade brasileira. Tinhorão aponta Nuno Marques Pereira, Xavier Marques, Galeão Coutinho e Lima Barreto como romancistas brasileiros em cujas obras a música popular tem um papel relevante.

É dentro deste universo literário de inesgotáveis glosas e de múltiplas possibilidades crítico-teóricas que a Revista *Intersemiose* traz a lume a sua 5ª edição. Os ensaios aqui congregados oferecem toda uma profusão de leituras que abarcam do erudito ao popular, do cânone à vanguarda, nos mais diversos gêneros, permitindo deste modo um complexo painel intersemiótico, ou para usar a linguagem atonal de Schönberg, uma espécie de harmonia dissonante entre as artes poéticas e musicais.

Recife, 10 de junho de 2014.

Marcos Alexandre de Moraes Cunha

(Organizador)